

A aula de leitura através do olhar do futuro professor de língua portuguesa

Dra. Eulália Vera Lúcia Fraga Leurquin¹

Marina Kataoka Barros²

Resumo

Por meio desta comunicação, desejamos refletir sobre práticas de leitura de professores da rede pública da educação básica cearense. Para tal reflexão, tomamos como base a descrição das observações feitas por alunos do Curso de Letras da Universidade Federal do Ceará, durante três semestres (2005.2, 2006.1 e 2006.2) Ao total, analisamos 288 textos referentes a 18 turmas. Selecioneamos 10 relatórios que consideramos relevantes, por apresentarem situações críticas do ensino de leitura. Os resultados aqui apresentados fazem parte de um projeto em desenvolvimento intitulado de *Práticas de linguagem: o gênero relatório*, desenvolvido na Universidade Federal do Ceará.

Palavras-chaves: leitura, ensino, relatório e formação inicial.

Introdução

Referindo-se ao ensino de português língua materna, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) afirmam que as escolas enfrentam um fracasso nesse ensino e para amenizá-los apontam para a necessidade de um “reestruturação do ensino de língua portuguesa”. Esta deve ter em si o objetivo de levar o aluno à aprendizagem da leitura e escrita, pois a aprendizagem e o domínio da língua, oral e escrita, permitirão ao aluno a participação social efetiva. Essa relevância ocorre porque é por meio da linguagem que o homem se constrói como ser ideológico e si comunica nas mais diversas situações (Bakhtin, 2000). Com isso, percebemos que nos PCNs há um avanço na teoria relacionada com o ensino de língua, pois observamos a valorização de um ensino produtivo partindo do texto e do uso dos gêneros discursivos/textuais. Porém, também, percebemos que pouco avançamos na prática em sala de aula (Fraga-Leurquin, 2007) e que há um

¹ Professora Doutora do Programa de Pós-Graduação em Lingüística da Universidade Federal do Ceará

² Aluna de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Lingüística da Universidade Federal do Ceará

descompasso entre o dizer e o fazer do professor de língua materna. Por isso, achamos necessário mais uma vez refletir sobre o ensino de língua portuguesa.

Para alcançar essa necessária reflexão, tomamos como ponto de partida a pesquisa *Práticas de linguagem em sala de aula de língua portuguesa e formação inicial do professor de língua portuguesa* que se situa no sub-grupo do PROTEXTO Gêneros, ensino e formação de professor de línguas materna e estrangeira. Ela está localizada no Âmbito da Lingüística Aplicada ao ensino de língua materna e na área de Práticas Discursivas e está sendo desenvolvida na Universidade Federal do Ceará sob a orientação da Profa. Dra. Eulália Vera Lúcia Fraga Leurquin. A pesquisa tem como objetivo geral estudar o relatório enquanto um gênero textual e a partir disso contribuir para a formação inicial de um professor-pesquisador de língua portuguesa. Para alcançar esse objetivo, a pesquisa conta com dois momentos básicos: o primeiro que se volta para as descrições das aulas de língua portuguesa nos relatórios das disciplinas *Estágio de Língua Portuguesa* e *Teoria e Prática de Ensino de Língua Portuguesa* e o segundo que se volta para prática em sala de aula não mais com um estagiário.

Assim, considerando a leitura como um evento que envolve um indivíduo e um texto particular, um momento específico com circunstâncias específicas, um contexto social e cultural específicos e uma parte da vida envolvente do indivíduo e do grupo (Rosenblat, 1978), analisaremos a prática de leitura e formação de leitores na sala de aula de língua materna das escolas públicas de Fortaleza através dos relatórios de observação de aulas, ou seja, através do olhar do futuro professor.

Primeiramente, trataremos da estrutura do relatório de observação de aulas e de como o compreendemos como um gênero textual. Em seguida, apontaremos como deve ser uma aula de leitura e, depois, analisaremos a aula de leitura a partir das descrições feitas pelos alunos do Curso de Letras da Universidade Federal do Ceará nos períodos de 2005.2, 2006.1 e 2006.2 da disciplina *Teoria e Prática de Ensino de Língua Portuguesa*.

1. O gênero relatório de observação de aula

O relatório de observação de aula é um requisito da disciplina *Teoria e Prática de Ensino de Língua Portuguesa*, a qual faz parte da Unidade de Prática de Língua Portuguesa do Departamento de Letras Vernáculas da Universidade Federal do Ceará e é responsável pela parte prática da formação do futuro professor de língua portuguesa. O relatório é exigido como meio de avaliação do aluno, quase concludente do Curso de Letras, e é baseado na observação de aulas de língua portuguesa numa escola da rede pública de ensino à escolha do avaliado. Talvez pela forma que é solicitado, o relatório de observação de aula não é considerado um gênero textual por muitos. Porém, nós o consideramos com um gênero. A partir de

agora, veremos como se estrutura um relatório e, em seguida, veremos as razões que nos levam a considerá-lo um gênero textual.

Beltrão e Beltrão (1998) definem relatório da seguinte maneira:

“é a exposição de ocorrências ou da execução de serviços ou, ainda, dos fatos de uma administração pública ou privada sendo essa exposição acompanhada, quando necessário, de gráficos, mapas, tabelas, ilustrações. Sua linguagem é a factual, no mais das vezes.” (p. 323)

Ainda para essas autoras, o relatório pode ser classificado em três classes, segundo os critérios: a) *número de signatários*, b) a *periodicidade* e c) o *fim* e pode ser de diferentes tipos, por exemplo, *de gestão, de inquérito, parcial, progressivo, de rotina, de cadastro, de inspeção, informativo de cobranças, conclusivo, de pesquisa, científico, de tomada de contas, de processo, contábil e relatório-roteiro*. No caso, o relatório de observação de aula enquadra-se no tipo científico, pois se destina “ao estabelecimento de fatos e conclusões, com uma determinada finalidade” (Pianta apud Beltrão e Beltrão, 1998 – p. 323). Além disso, o relatório deve ser composto pelos seguintes elementos: *folha de rosto, sumário, introdução, desenvolvimento, conclusão, anexos e bibliografia* (Beltrão e Beltrão, 1998).

Outra autora que trata da estruturação do relatório é Lakatos (1991). Para a autora, o relatório é composto de *apresentação, sinopse, sumário, introdução, revisão bibliográfica, metodologia, apresentação de dados, interpretação dos resultados, conclusões, recomendações e sugestões, apêndices, anexos e bibliografia*. Assim, percebemos que os trabalhos relacionados ao relatório não o encaram como um texto, um gênero textual (Fraga Leurquin, 2007) e são normalmente encontrados em livros de metodologia científica. Por isso, na seqüência, apresentaremos o conceito de gênero textual e como esse respalda o entendimento do relatório de observação de aula como um gênero textual.

Segundo Schneuwly (2004), os gêneros textuais são *tipos relativamente estáveis de enunciados elaborados por cada esfera de troca social* e caracterizam-se por três elementos: 1) *conteúdo temático*, 2) *construção composicional* e 3) *configuração de unidade lingüística*. Segundo o autor, há uma escolha de um gênero, pela elaboração de uma base de orientação para uma ação discursiva, que é função de uma situação definida por parâmetros como finalidade, destinatários e conteúdo. O conteúdo temático é ancorado numa esfera de troca, num lugar social que define um conjunto possível de gêneros. Os gêneros têm certa estabilidade, mesmo sendo mutáveis e flexíveis, por definirem o que é dizível e terem uma composição com uma estrutura e um plano comunicacional. Finalmente, eles são caracterizados por uma configuração de unidades lingüísticas considerada como elemento de um gênero. Língua de um lado – com gramática e léxico – e um gênero de outro – com estilística.

Portanto, como Fraga Leurquin (2007), nós entendemos que o relatório é mais que um meio de avaliação. É também um texto que *viabiliza a comunicação entre os interlocutores nele envolvidos* (universidade e escola, professor e aluno) e,

devido ao contexto de leitura e produção, deve ser origem de posteriores ações educativas. Perceberemos que os relatórios de observação de aulas nos dizem muito a respeito da prática do professor e de como o ensino de leitura vem sendo realizado na Educação Básica cearense. Passemos para as descrições feitas nos relatórios de observação de aulas. Apenas lembramos que nosso foco é a aula de leitura.

2. A aula de leitura através do olhar do futuro professor

A sala de aula de língua portuguesa dever ser um espaço onde devem ocorrer diferentes tipos de comunicação e onde deve existir uma busca por um conhecimento sistematizado cientificamente (Fraga Leurquin, 2001) e nesse espaço o professor exerce papel de mediador dos conhecimentos dos alunos. Assim, o professor que tem o papel de formador de leitores dever fazer essa mediação com o objetivo de fazerem seus alunos alcançarem o nível do desenvolvimento potencial (Vygotsky, 1998 apud Fraga Leurquin, 2001).

Segundo Fraga Leurquin (2001), precisamos formar alunos-leitores porque, ao saírem da sala de aula, esse aluno se comunicará a partir de diferentes textos, ou seja, de diferentes gêneros. Por isso, devemos ter em mente que é fundamental que os alunos desenvolvam habilidades e competências necessárias para ajudá-los a “participar de forma mais significativa de situações comunicacionais”, ainda segundo a autora. Desta forma, entendemos que uma aula de leitura deve ser comunicativa (Cicurrel, 1991 apud Fraga Leurquin, 2001) e para isso é importante que haja o planejamento (Fraga Leurquin, 2007). Para esse planejamento, destacamos as etapas proposta por Cicurrel (1991 apud Fraga Leurquin, 2001) que devem orientar uma aula de leitura. Vale ressaltar que cada etapa tem um objetivo diferente e que este deve ser observado pelo professor. Consideremos agora o que Cicurrel (1991 apud Fraga Leurquin, 2001) propõe para cada uma dessas etapas.

A primeira etapa deve ser um momento em que o professor deve *orientar e ativar os conhecimentos prévios* de seus alunos-leitores, pois isso facilitará a leitura. Para isso o professor pode utilizar três técnicas: 1) fazer questionamentos aos alunos para ativar seus conhecimentos prévios sobre o tema tratado no texto; 2) deve acionar cenários guardados na memória do aluno-leitor para que o professor possa dessa maneira estabelecer relações “usando a memória episódica do aluno” e 3) fazer associações de idéias partindo de palavras chaves. Essa etapa é considerada pré-leitura e deve acontecer antes mesmo do professor entregar o texto aos alunos.

Na segunda etapa, temos um momento da observação e *antecipação* do conteúdo e da função do texto. O professor deve fazer com que seus alunos-leitores se familiarizem com o texto, isso pode ser feito a partir de uma rápida leitura. Esse

momento ainda é considerado como o de pré-leitura, pois assim como a primeira etapa está relacionada com os conhecimentos prévios dos alunos-leitores.

Já a terceira etapa, aponta para o ato de *ler como objetivo*. Para tanto, é necessário que se faça uma leitura criteriosa do texto. Nesse momento, o professor deve pedir que os alunos-leitores observem se conseguem comprovar as hipóteses levantadas nos momentos anteriores. Essa etapa favorece a associação de um conhecimento prévio a um novo conhecimento. Para alcançar essa etapa, a autora sugere várias entradas ao texto que são: uma entrada segundo a arquitetura discursiva, uma entrada baseada na procura de elementos co-referenciais, uma entrada baseada na intenção de comunicação, uma entrada pelas marcas enunciativas, uma entrada situacional, uma entrada apoiada nas citações do texto e uma entrada baseada na progressão temática.

Finalmente, a quarta etapa, *religação e reação dos conhecimentos*, caracteriza-se por uma reflexão profunda partindo do texto, ou seja, o aluno-leitor deve fazer uma leitura crítica do texto. Depois de identificada as etapas de uma aula de leitura planejada, passaremos a apontar o que os relatórios de observação de aulas nos mostram sobre como as aulas de leitura são ministradas. Para isso, apresentaremos alguns exemplos dos relatórios de observação de aulas selecionados para o trabalho.

Relatório de observação de aula 01

Parece que a professora pretendia ministrar uma aula de leitura. (...) Finalmente, ela informa que a leitura do texto serviria para auxiliar na resolução de um exercício, que tinha como conteúdo didático a utilização dos pronomes.

Relatório de observação de aula 02

(...) ele (o professor) apresentou a narração ainda como um gênero textual, não como um tipo (nomenclatura mais adequada).

Relatório de observação de aula 03

Após a leitura, o professor não busca reconstruir com eles o significado dos textos nem considera seus conhecimentos prévios acerca do assunto tratado.

Relatório de observação de aula 04

O professor direcionava suas aulas sempre ao foco gramatical, e por algumas vezes dava ênfase a um ou outro texto, mas já com intenções de ensino de gramática.

Relatório de observação de aula 05

A professora não trabalhou nenhum texto em nenhuma das aulas a que assistimos. A ênfase das aulas eram sempre os exercícios de gramática.

Relatório de observação de aula 06

A música foi entregue aos alunos, em seguida, foi pedido a eles que identificassem todos os pronomes que nela existiam.

3. Conclusão

Diante do que observamos na descrição feita pelos futuros professores de língua portuguesa, percebemos que ainda há um grande problema com a relação entre a teoria e a prática, pois os relatórios de observação de aula nos mostram que, praticamente, não existe aula de leitura e que quando há, o texto é apenas um pretexto para o ensino da gramática tradicional. Ele é usado apenas para a identificação de termos e funções gramaticais. Quando deveria ser utilizado numa perspectiva de gênero textual, ou seja, meio de comunicação. É triste, percebemos que ainda há professores que não fazem a importante distinção entre gênero textual e tipo textual, essa situação nos levar a confirmar a importância de uma educação continuada para que possa haver um melhor aproveitamento do momento dedicado à leitura em sala de aula.

É notório que a importância da aula planejada não é levada em conta pelo professor que está em sala de aula na escola, pois em nenhuma das situações descritas observamos a constatação de nenhuma das etapas propostas por Cicurel. Assim, os alunos não estão sendo ajudados a desenvolverem sua capacidade comunicativa.

Finalmente, ressaltamos a necessidade de mudança na postura de como o relatório de observação de aulas é solicitado pelo professor da Universidade, pois este deve ser encarado por esse docente como um meio de comunicação entre a universidade e a escola.

Referências Bibliográficas

BELTRÃO, O. & BELTRÃO, M. *Correspondências: linguagem & comunicação: oficial, empresarial, particular.* 20 ed. São Paulo: Atlas, 1998.

BRASIL, *Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa*. Brasília. 2001.

FRAGA-LEURQUIN, E. V. L. *Contrato de Comunicação e Concepções de Leitura na Prática Pedagógica de Língua Portuguesa*. Tese (Doutorado em Educação). Natal: PPGED-UFRN, 2001.

O relatório de observação de aulas como um viés de acesso ao ensino/aprendizagem de língua materna. In *A linguagem e seus múltiplos olhares*. 2007 (no prelo)

LAKATOS, E. M. & MARCONI, M. De A. *Fundamentos de metodologia científica*. 3 ed. São Paulo: Atlas, 1991.

SCHNEUWLY, B. *Gêneros e tipos de discurso: considerações psicológicas e ontogenéticas*. In: SCHNEUWLY, B. & DOLZ J. *Gêneros orais e escritos na escola*. São Paulo: Mercado de Letras, 2004.